

Fernando Molica

A tortura e o espelho

Vencedor do Festival de Cannes e um dos favoritos para o Oscar, o iraniano “Foi apenas um acidente”, de Jafar Panahi, mostra como a tortura marca e deforma a vida de suas vítimas.

O mote é simples: um ex-presos pela ditadura dos aiatolás crê ter reencontrado seu torturador, o sequestra e decide matá-lo. Mas, em dúvida sobre sua identidade, recorre a outras vítimas do mesmo alvoz para ter certeza de que não cometaria uma injustiça.

Vanid (Vahid Mobasseri), o protagonista, e seus parceiros recordam o que passaram nos porões do regime e se veem diante de uma questão ética: deveriam agir da mesma forma que seus algozes? Poderiam matar ou mesmo torturar o sujeito que, supostamente, era responsável por tantos sofrimentos, que marcariam e, mesmo, destruiriam suas vidas? Até que ponto a vingança não os igualaria aos homens desprezíveis que lhe impuseram tamanhas dores?

Ao longo do filme, os espectadores são transformados em personagens, em integrantes daquele tribunal improvisado e capenga — o que faríamos diante de algo assim? O impasse criado pela decisão de Vanid de aprisionar aquele que o teria torturado gera uma nova questão: caso fosse libertado, ele poderia se vingar de seus sequestradores.

(O jornalista Cid Benjamin agiu de maneira diferente. Preso e exilado pela ditadura, ele, em 1989, encontrou com um de seus torturadores no banheiro do bar Amarelinho, na Cinelândia. “Ele me viu, se assustou e eu disse: ‘Está lembrado de mim, Timóteo? Eu sou o Cid’.”)

Panahi, que foi preso algumas vezes, consegue equilibrar a dureza do tema com momentos de humor. A saga dos ex-torturados na van que transporta o suspeito pelas ruas da cidade chega a remeter a um road movie, as atribulações ocorridas no veículo são tantas que

lemboram momentos do engraçadíssimo “A pequena miss Sunshine”.

Há também uma alternância de momentos puramente cinematográficos — o ruído que permite a Vanid identificar o torturador — com outros de viés teatral, como a discussão sobre o que fazer com o preso. Aqui, o cenário (o deserto) reforça a ausência de referências, seria preciso que os personagens inventassem uma saída.

Proibido de filmar em seu país, Panahi gravou “Foi apenas um acidente” de forma clandestina, o que ajuda a explicar a opção por um roteiro que usa diferentes cenários, ligados pela movimentação da van. A necessidade de fugir da vigília gerou consequências estéticas, diabólica lógica do filme.

“Foi apenas um acidente” poderia ter sido rodado em diversos outros países, inclusive no Brasil, uma sociedade criada com base na escravidão, que des-

de seus primórdios aprendeu a naturalizar e a deixar impune a tortura.

Como demonstrou a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, parte significativa dos brasileiros inclui a aplicação de serviços a prisioneiros no rol de punições aceitáveis. Ao reduzir penas dos que queriam implantar uma nova ditadura, o Congresso mostrou ser parceiro da brutalidade.

Muitos por aqui tratam o tema do ponto de vista do alvoz, responsabilizam a vítima (aquele história do “Mas o que ele fez para merecer isso?”, como se houvesse como justificar espancamento, aplicação de choques elétricos em partes genitais, estupro, empalamento e a prática de se pendurar alguém de cabeça para baixo).

Ao falar de impasses provocados pela tortura e da não punição institucional de torturadores, o filme trata da relação das sociedades com a barbárie — e, assim, a tela funciona também como espelho.

Tales Faria

Lula decidiu pelo enfrentamento que levou Dilma ao impeachment

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) acredita que a ex-presidente Dilma Rousseff sofreu “um golpe congressual” comandado pelo centrão. Ou, mais precisamente, pela ala do centrão liderada por seus grupos mais fisiológicos.

O ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha, então no MDB-RJ e hoje do Republicanos, segundo avaliação de Lula foi apenas um “operador inicial” do impeachment que, na verdade, acabou sendo obra dos partidos de centro como um todo.

Lula disse a assessores que agora o centrão repete os mesmos movimentos para tomar o controle do processo político no país. O movimento principal é a aplicação de recursos do Orçamento da União.

Nessa sexta-feira, 19, o Congresso aprovou o Orçamento de 2026 desti-

nando R\$ 61 bilhões para emendas parlamentares. São R\$ 11 bilhões a mais do que em 2025.

Já na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) aprovada neste ano os parlamentares haviam determinado outra novidade que aumentou o controle sobre o Orçamento: o Executivo passou a ser obrigado a negociar um calendário de liberação de emendas. Foi determinado que metade dos recursos serão pagos até o final do primeiro semestre de 2026.

Além do valor das emendas parlamentares ter um crescimento vertiginoso nos últimos anos (em 2015, eram apenas R\$ 3,9 bilhões), no Orçamento aprovado sexta-feira, também aumentou de forma significativa o valor destinado ao Fundo Eleitoral, que prevê financiamento de campanhas eleitorais. A proposta do go-

verno previa R\$ 1 bilhão, o relator subiu a cifra para R\$ 4,9 bilhões.

Mais: no projeto de lei aprovado na quarta-feira, 17, que reduziu em 10% parte dos benefícios fiscais do país, um jabuti ressuscitou emendas canceladas no passado. Eram pelo menos mais R\$ 3 bilhões que o governo seria obrigado a liberar. O ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF), suspendeu a liberação.

O mesmo Flávio Dino havia autorizado, na sexta-feira, 12, operação de busca e apreensão contra Mariângela Fialek, ex-assessora do deputado federal e ex-presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL) conhecida como Tuca. A funcionária trabalha na liderança do PP na Câmara e atua no setor que organiza a indicação de emendas parlamentares.

Na sexta-feira, 19, ação a PF cumpriu novos mandados de busca e apreensão contra o líder do PL na Câmara, Sóstenes Cavalcante (PL), e o deputado Carlos Jordy (PL) por suspeitas na gestão de recursos públicos. E foram encontrados cerca de R\$ 400 mil em espécie na casa do líder.

Lula acredita que ações como essa de Dino e da Polícia Federal acabarão provocando contra ele uma investida de parlamentares da oposição e do centrão semelhante à que ocorreu sobre Dilma Rousseff.

O presidente acha que a “verdadeira guerra” será deflagrada quando ele vetar o projeto de redução das penas (nova dosimetria) dos condenados por golpe de estado, que inclui perdão também por crimes de corrupção. Mas ele não abre mão. “Estou pronto para a guerra” disse Lula a assessores.

Sérgio Cabral*

Amargo ir e vir

O repórter Marcos Nunes, do jornal O Globo, nos trouxe na edição de ontem, domingo 21/12/2026, dados estorecedores sobre a quantidade de vezes que o serviço ferroviário de passageiros da Supervia foi paralisado por conta da violência: 682 vezes. Isso mesmo: 682 vezes o serviço parou por conta da ação violenta que facções criminosas e a milícia impingiram interrupções a um serviço essencial para milhares de passageiros usuários da Supervia.

Segundo a reportagem, as interrupções do serviço variaram de 15 minutos a 18 horas. São roubos de cabos, trilhos, e,

sobretudo, confrontos violentos entre as facções ou no enfrentamento às forças de segurança do estado.

Milhares de estudantes e trabalhadores perdem a hora de seus compromissos e vivem dentro dos vagões as tensões de um ir e vir que deveria ser digno e confortável.

Depois de décadas de trens sucateados, meu governo renovou a frota da Supervia com a compra de mais de 100 novos trens. Para você ter uma ideia, a idade média da frota de trens era da década de 1960 quando assumi o governo, em janeiro de 2007. Após arrumar a casa e colocar as finanças

em ordem, buscamos o Banco Mundial que financiou a compra dos novos trens. A licitação foi internacional e os grandes fabricantes do mundo participaram do certame. Os chineses foram vencedores. Segundo relatórios do Banco Mundial, foi o melhor certame financiado pela instituição na América do Sul. Pela transparência e resultado final.

Depois de décadas os passageiros passaram a se locomover em trens com ar condicionado, mais amplos e confortáveis. Para se ter uma ideia, o número de passageiros/dia era de menos de 200 mil quando assumi

o governo, em 2007. Quando deixei o mandato, em 2014, a Supervia transportava mais de 500 mil passageiros por dia. Hoje, infelizmente, transporta 300 mil passageiros.

A violência leva terror e aniquila a qualidade de vida. Nesses últimos 11 anos as áreas dominadas pelas facções aumentaram assustadoramente. Todas as comunidades pacificadas nos meus 8 anos de governo voltaram às mãos do poder paralelo. Sem segurança pública estamos fadados ao caos.

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho